

A educação contra a barbárie: um confronto entre os ideais adornianos e jonasianos

Renato Kirchner*
Marly Otani Cipolini**

Resumo

Este trabalho tem por objetivo verificar o impulso destrutivo da humanidade, o porquê dessa nociva presença ao longo da história, como isso põe em perigo a permanência da vida na Terra e se é possível que se elimine tal impulso do indivíduo humano. Num primeiro momento, estudaremos os ideais de Theodor Adorno e, posteriormente, do conceito de responsabilidade de Hans Jonas sob um foco bem delimitado, uma vez que tamanha é a complexidade das obras desses autores, que necessitaríamos de trabalhos específicos voltados a cada um deles. Por fim, serão relacionadas as ideias centrais desses dois pensadores contemporâneos, de modo a demonstrar que convergem no tocante aos ideais em relação ao futuro. Para isso, foram utilizadas suas obras principais: *O princípio responsabilidade*, de Jonas e *Educação após Auschwitz*, de Adorno. Além disso, foi realizada uma comparação das teorias mencionadas com fatos cotidianos que as ilustram e sustentam, no plano concreto, como o recente caso de Sílvio Koerich.

Palavras-chave: Educação; Emancipação; Responsabilidade; Theodor Adorno; Hans Jonas.

Education against barbarism: a clash between the ideals from Adorno and Jonas

Abstract

This study aims to verify the destructive impulse of humanity, the reasons for this noxious presence throughout history, how it endangers the permanence of life on Earth and if it is possible to erase such an impulse of the human individual. At first, we study the ideals of Theodor Adorno and later the concept of responsibility of Hans Jonas under a well-defined focus, since the high complexity of these authors's works would require specific enquiries. Finally, we will relate these two contemporary thinkers's core ideas in order to demonstrate that such works converge with respect to the ideals for the future. In order to accomplish this aim, we used his major works: *The principle responsibility* of Jonas and *Education after Auschwitz* of Adorno. In addition, we related those theories to everyday facts that illustrate and support them, at a concrete level, as does the recent case of Silvio Koerich.

Keywords: Education; Enfranchisement; Responsibility; Theodor Adorno; Hans Jonas.

Introdução

O presente trabalho visa a confrontar de que modo o princípio responsabilidade de Hans Jonas amalgama-se aos ideais de Theodor Adorno de educação contra a barbárie¹. Durante a Segunda Guerra Mundial, Adorno observou e estudou a barbárie e destruição nas quais as sociedades ocidentais estavam mergulhadas. Essa destruição compromete a manutenção da vida na Terra. Não só a humana, mas todos os seres vivos. Neste ponto Hans Jonas apresenta seu mérito ao apontar para o perigo da tecnologia moderna e o problema ético-filosófico que a acompanha. A visão de Adorno acerca das barbáries cometidas pelo homem e sua relação com a educação é respaldada por Jonas – mesmo que um jamais tenha mencionado diretamente o outro em suas obras –, na medida em que a violência é onipresente no planeta e não se restringe aos seres humanos.

Ressaltamos que o presente artigo foi

* Endereço eletrônico: renatokirchner@puc-campinas.edu.br

** Endereço eletrônico: marly_oc@yahoo.com.br

escrito sob um foco bem delimitado em termos de obras utilizadas, já que são muito vastas e dotadas de certa complexidade, característica destes autores, de forma que este artigo dificilmente poderia abranger todo o conteúdo intelectual legado por Jonas e Adorno. Assim, conforme enunciado pelo título – a saber, “A educação contra a barbárie: um confronto entre os ideais adornianos e jonasianos –, o objetivo principal desta reflexão diz respeito ao modo como os dois filósofos estudados conceberam a educação em sentido emancipatório e responsável.

A ideia de educação em Theodor Adorno

Theodor Adorno nasceu na Alemanha em 1903. Grande pensador, Adorno estudou filosofia, psicologia, sociologia e música. Este leque intelectual transparece em sua obra: encontramos várias citações a Freud, à música, à psicologia, à sociologia relacionando sob um mesmo tema matérias à *prima facie* tão distintas entre si. Teve

amigos e familiares perseguidos pela política nazista, não lhe restando outra alternativa senão deixar o Velho Continente na década de 30. Isso não impediu que no pós-Guerra fosse um dos principais responsáveis pelo renascimento acadêmico da Alemanha, posto que antes havia sido importante membro da Escola de Frankfurt².

Alarmado e diretamente atingido pelos efeitos da Segunda Guerra Mundial, Adorno levantou a discussão sobre como a educação no mundo deve ser orientada para evitar outro genocídio e barbáries da grandeza dos acontecidos em Auschwitz. A educação teria um papel essencial na construção de uma sociedade solidificada na paz e no respeito mútuo, impedindo que Auschwitz - as condições que levaram a tal, - se repita (ADORNO, 1995, p. 104). Tanto os educadores como os meios de comunicação, especialmente os de massa, tais como rádio e televisão, teriam um papel fundamental no que diz respeito à formação do indivíduo de forma emancipada e crítica.

Nesse sentido, o autor afirma: “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (ADORNO, 1995, p. 104), evidenciando a educação como primeiro item a ser pensado na construção de uma humanidade mais pacífica avessa às barbáries cometidas pelas guerras. Essa educação teria de ser voltada – assim pensa Adorno –, principalmente à educação durante a primeira infância. Conforme pode ser constatado no trecho:

Mas como, segundo os conhecimentos da psicologia profunda, o conjunto dos traços de caráter, mesmo no caso daqueles que perpetuam crimes em idade posterior, constitui-se já na primeira infância, a educação que pretenda impedir a repetição daqueles atos monstruosos deve concentrar-se nessa etapa da vida (ADORNO, 1995, p. 106-107).

Adorno refletiu também sobre a educação política, a emancipatória, que evita a repressão, o autoritarismo e, logo, resultados como os de Auschwitz (ADORNO, 1995, p. 123), sendo possível identificar traços de personalidade manipuladora e autoritária. Unida à educação, a psicologia tem importante papel a cumprir: logo que percebida a semente do autoritarismo, seria combatida com educação de modo que a indiferença ante o semelhante fosse estudada à luz da psicologia, a fim de reverter este processo no íntimo

do indivíduo (ADORNO, 1995, p. 106). Tão ou mais fundamental do que a educação neste ponto, seria o educador e sua faculdade de fazer interiorizar no outro os valores contrapostos ao individualismo, à massificação, à coisificação de si e de outrem. A psicologia, propõe Adorno, deveria ocupar-se de estudar os culpados de Auschwitz para descobrir “como uma pessoa se torna assim” (ADORNO, 1995, p. 116.). Nesse sentido, urge a aplicação da psicologia com a participação dos educadores. Note-se que a educação não se limita à acadêmica, pois compreende também a recebida em casa com os pais, uma vez que Adorno dá suma importância à primeira infância. E não para menos; formado em psicologia, sabia que essa fase é crucial para a formação do caráter, logo, não há que se deixar esta tarefa aos educadores externos à unidade familiar. Veremos com Hans Jonas que a responsabilidade pelas crianças e, pois, por sua educação, compete a todos. Já havia dito Adorno: “Desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, por encontrar-se vinculado a uma determinada formação social, também acontece no plano educacional (...) a formação cultural pode conduzir ao contrário da emancipação, à barbárie” (ADORNO, 1995). Ou seja, o acúmulo de conhecimento científico – traduzido pelos alunos que obtêm notas altas – não necessariamente implica na evolução do mundo enquanto humanidade, mas somente em termos tecnológicos, se concomitantemente a esta responsabilidade científica não estiver embutido nos alunos a responsabilidade humana (BARONI, p. 5). Sem isso só haverá frieza oriunda do avanço tecnológico (BARONI, p. 5).

Assim, para que a teoria de Adorno se torne algo palpável, é preciso que ocorra uma mudança de postura global, que se inicia em casa e na escola – visto que nas condições atuais estão formando pessoas autoritárias através da competição e tornando-se um local de exclusão, como vemos pelos diversos casos de *bullying* – e alcança altos escalões governamentais mundo afora. Não bastaria somente a divulgação da teoria adorniana, mas também sua aplicação concreta, para que possamos evitar novas atrocidades, que, por sinal, já são bem conhecidas da humanidade.

A educação emancipatória, que preza a autocrítica do indivíduo ante seus próprios atos e dos demais, escapa dos moldes industriais a que tem sido submetida a educação e a cultura, de modo a produzir sujeitos críticos que possuam consciência a ponto de identificar as próprias barbáries num

contexto em que estejam inseridos e controladores de seu impulso destrutivo. Nas palavras de Fernando Cassaro:

Na opinião dele [Adorno], o problema da Educação está no fato de ela ter se afastado de seu objetivo essencial, que é promover o domínio pleno do conhecimento e a capacidade de reflexão. A escola, assim, se transformou em simples instrumento a serviço da indústria cultural, que trata o ensino como uma mera mercadoria pedagógica em prol da “semiformação”. Essa perda dos valores, segundo o autor, anula o desenvolvimento da autorreflexão e da autonomia humana (CASSARO, 2009, p. 1).

Diante disso, convém fazer alguns comentários acerca da indústria cultural que Adorno tanto criticou durante sua vida. Os meios de comunicação de massa poderiam exercer papel fundamental na formação da educação emancipatória através da utilização racional da TV, rádio e outros meios de comunicação. Contudo, Adorno vê com ceticismo o uso dos veículos de comunicação de massa; especialmente a TV, que estava em destaque em sua época. Ele refletiu sobre como os meios de comunicação de massa podem ser usados para o bem, a despeito do uso malévolo do rádio feito na Alemanha na época do nazismo. Esta é uma observação pertinente e presente na obra do autor (ADORNO, 1995, p. 111; ADORNO, 2000, p. 77), os veículos de comunicação de massa podem ser nocivos ou benéficos como meio de desbarbarização do campo – ou em comunidades carentes nos dias atuais – e povoados afastados, desde que o uso desses meios de comunicação fossem previamente planejados para esse fim. Nesse caso, ela seria importante aliada rumo à pacificação do mundo. Tal observação pode ser facilmente identificada num trecho de uma entrevista a respeito da televisão, dada por T. Adorno (ADORNO, 2000, p. 75-95). Nela, ele deixa claro que a televisão pode ser utilizada tanto para fins pedagógico-culturais quanto ao que ele chamou de funções formativa e deformativa e aponta a questão: “*What television does to people?*” (ADORNO, 2000, p. 76).

Atualmente poderíamos lançar mão de um meio de comunicação de massa jamais imaginado nos anos em que Adorno desenvolveu sua linha de pensamento: a internet. Esta, inclusive, já é largamente utilizada para fins educacionais que vão

desde passatempo, até graduações inteiras a distância. O advento da internet, enquanto instrumento de disseminação de conhecimento, cultura, conscientização e interação social, nos mostra que o pensamento do filósofo possui, teoricamente falando, fundamento consistente com a realidade. Especialmente porque a internet é relativamente barata quando pensamos na infinidade de ferramentas educacionais que ela nos fornece: desde textos simples vindos de pessoas comuns “jogados na net” até filmagens de aulas que ficam à disposição de milhares de pessoas, bem como a possibilidade de legendas para os deficientes auditivos e a repetição do áudio para os deficientes visuais. Nunca a possibilidade de desbarbarização pela informação e cultura esteve tão perto de acontecer como hoje em dia. Ao mesmo passo, verificamos o uso da internet para fins nocivos (que corresponderia à função deformativa descrita por Adorno): incitação a crimes de ódio, a exaltação do preconceito, pessoas com ódio em comum podendo se agrupar e se articularem para difundir sua raiva a determinado grupo de pessoas.

Podemos citar, à guisa de exemplo de bom uso da internet, o louvável indiano radicado nos Estados Unidos, Salman Khan, que fundou *on line* a “Khan Academy”. Este indiano, que, embora jovem, possui diversas graduações, grava aulas curtas e simples sobre as mais diversas matérias, desde matemática básica às complicadas questões de física e astronomia, por exemplo. Não cobra nada por isso e deixa o conteúdo disponível a quem quiser acessá-lo. Contudo, não se limita à área das exatas e também discorre sobre história e biologia. Seu objetivo é “ajudar a aprender o que você quiser, quando você quiser e em seu próprio ritmo”. Esse é um excelente exemplo de bom uso de um meio de comunicação de massa.

Por outro lado, os meios de comunicação de massa também podem ser extremamente maléficos, como o recente caso de Sílvio Koerich, nome fictício usado por um suposto engenheiro a fim de incitar crimes de ódio pela internet. Só para citar alguns exemplos, ele incitava ao estupro e morte a mulheres, racismo, sobretudo, aos negros, apologia à pedofilia, bestialidade etc. O mais impressionante é que o *site* possuía alguns milhares de seguidores que o apoiavam em sua “causa” (por falta de outro termo). Esses seguidores eram compostos em sua maioria por homens jovens. Havia não só uma manifesta apologia a tais crimes, como ainda, sob o uso de nomes falsos, vangloriava-se de possuir em sua “equipe” pessoas formadas em graduações

correlatas à informática e que, por isso, jamais seriam pegos. O usuário que usava o nome de Sílvio Koerich para praticar estas condutas criminosas foi identificado e preso no início de 2012 e o *site* retirado do ar.

Diante disso, podemos dizer que Theodor Adorno estava coberto de razão quanto aos perigos e benesses dos veículos de comunicação de massa. Além destes, certamente cada um de nós poderia citar um bom e um mau exemplo nesse sentido.

A industrialização da cultura e educação alavancada pelos meios de comunicação que culminam com indivíduos agressivos, ou simplesmente apáticos, aliada ao constante desenvolvimento da técnica, levaria à “coisificação” do indivíduo, à “consciência coisificada” (ADORNO, 1995, p. 115 e 118). Tal fenômeno se deu em Auschwitz, segundo ele, em virtude de uma associação de fatores: pessoas que não estavam “psicologicamente preparadas para a autodeterminação” bem como para a liberdade que lhes sobreveio (ADORNO, 1995, p. 108), substituíram sua consciência moral pelo vínculo com autoridades superiores, a submissão ao mais forte, deixando-se levar pelos acontecimentos e perdendo sua noção como indivíduo para assumir a condição de mero elemento na coletividade, ao invés de firmarem uma posição ativa e crítica diante do que acontecia. Somado a isto está o desenvolvimento desenfreado da técnica. Se antes ela era uma extensão do braço do homem, e tinha um fim certo, hoje a técnica é criada como um fim em si mesmo (ADORNO, 1995, p. 118). Vale a técnica pela técnica, esquecemos que ela é um prolongamento do braço humano. Ela tornou-se um fetiche e, obcecados por ela, ficam os indivíduos vazios da capacidade de amar. Assim, a perda do individualismo somado à perda da capacidade de amar e ao despreparo psicológico para a autodeterminação culminou com as atrocidades de Auschwitz. Foi uma somatória de fatores externos e subjetivos que levou a humanidade a tal feito. Em suma, através da educação há de se alcançar dois objetivos: a emancipação do sujeito e o controle do impulso destrutivo, desencadeado pela coisificação e a repressão de sentimentos. Desse modo, impedir-se-ia que o genocídio da Segunda Guerra Mundial se repetisse (ADORNO, 1995 p. 104).

Com efeito, o caminho trilhado hoje pelas instituições educacionais tem contribuído para esses resultados nefastos. Observamos a acirrada competição dentro das escolas e a mercantilização da educação, que nos é dada num certo molde, ao

qual o indivíduo deve se ajustar. Isso pode ser facilmente relacionado à perda da individualidade da pessoa, fator tido como ruim pelo filósofo frankfurtiano e semelhante ao que ocorre nos exércitos, onde os soldados devem apenas obedecer ordens, sem questionamentos e tendo como base a defesa da coletividade. Assim, caso a criança não se ajuste ao sistema escolar, ela é marginalizada. A criança mais bem adaptada, ou a que mais sobressair em relação aos outros no âmbito escolar, vence, não importando o que tenha de ser feito para isso. A sociedade se sobrepõe de tal maneira ao indivíduo que a base do aprendizado passa a ser o medo das ameaças sociais: o indivíduo deve agir conforme se espera que faça, que ele obtenha seu lugar na sociedade, a fim de não ser eliminado (BARONI, p. 3). Este sistema deficiente e ineficaz de educação é altamente propício a situações de *bullying*. Tal tema, muito em voga hoje em dia, deve ser discutido a fim de que isso não ocorra. O *bullying* é uma situação de maldade, covardia, indiferença e desamor por parte de quem o pratica. Um grupo de indivíduos, geralmente no âmbito escolar, humilha e maltrata outrem, levando-o ao isolamento e à depressão. É um dos ápices de desprezo e indiferença ante o outro, a completa falta de amor ao próximo. Dois exemplos muito trágicos sobre isto são o caso do Massacre de Realengo, no qual um homem na faixa dos 20 a 30 anos matou a tiros alunos de sua antiga escola, e um dos motivos que, especula-se, levou-o a isto foi o *bullying* sofrido no período que passou lá. Outro é o da canadense Amanda Todd, que se suicidou pelas agressões físicas, verbais e virtuais sofridas em várias escolas. Ela deixou um vídeo no *site YouTube* em que conta, através de cartazes, tudo o que passou e o porquê de não mais poder prosseguir com sua vida, preferindo dar um fim a ela. Mesmo mudando de escolas e inclusive de cidades, os seus perseguidores, ano após ano, jamais a deixaram em paz. Sem dúvida, encontramos aqui um dos alertas que Adorno deixou sobre o mau uso dos meios de comunicação. Mesmo que uma mensagem não seja propagada de modo massivo, isso não quer dizer que não é importante que seja contida e seus autores punidos e tratados, nos moldes preconizados por Adorno. Por fim, outro caso de *bullying*, porém com um desfecho menos trágico, foi o de Casey Heynes, um garoto australiano que, cansado de ser constantemente humilhado, resolveu revidar a ofensa física de seu agressor e em questão de segundos colocou seu agressor completamente fora de “combate”. Ele tornou-se um ícone da vingança

contra o *bullying*.

Isso, contudo, é justamente o oposto do que preza Adorno, segundo o qual o correto seria a educação ajustar-se a cada indivíduo, formando-o enquanto cidadão. Mas não o cidadão conceituado em termos constitucionais, mas sim cidadão enquanto pessoa, que entende o porquê de seus atos e o porquê de eles serem necessários ou não rumo a uma desbarbarização do mundo. Talvez mais do que isso, seria a formação de consciências ativas que permitissem a exata compreensão dos resultados de suas ações na sociedade.

Vemos, assim, que Adorno defende o uso da educação voltada a fins nobres: a formação integral do sujeito e o controle de seu impulso destrutivo. Tais objetivos poderiam ser alcançados lançando mão desde artifícios como a educação que se amolda ao indivíduo, dentro da percepção que o próprio indivíduo possui de mundo, de modo que ele reconheça em si seus impulsos geradores de violência e autoritarismo e que possa dominá-los mediante a autocrítica. Infelizmente, não é esse o mundo que observamos evoluir desde os tempos da Segunda Guerra Mundial. De fato, a educação tem sido cada vez mais comercializada e a competição exacerbada tem sido estimulada pelos educadores, que acreditam muitas vezes ser o melhor meio de obter resultados positivos.

O ideal de responsabilidade em Hans Jonas

Hans Jonas, da mesma forma como Theodor Adorno, foi também judeu de origem alemã. Frequentou a Universidade de Freiburg e foi discípulo de Martin Heidegger. Como Adorno, foi obrigado a exilar-se durante a Segunda Guerra Mundial para fugir da perseguição nazista. Ocupou-se de estudos sobre a ética e sua relação com a vida e a natureza, sendo proeminente estudioso nesse âmbito. Jonas colocou a vida em posição superior e a natureza como sendo essencial ao homem.

No desenvolvimento dessa ideia publicou o livro *O princípio responsabilidade*, a fim de demonstrar a existência de uma nova ética que, antes antropocêntrica, agora passaria a ser exterior ao homem, cuidando das condições necessárias à manutenção da vida humana no mundo através do tempo. De certa forma, a ética não deixa de ser antropocêntrica, já que a preocupação maior, que serve de pano de fundo, é manutenção da vida humana. A ética, segundo Jonas, deixa de estar voltada ao homem constatada a vulnerabilidade da natureza (JONAS, 1994, p. 37). Antes, as técnicas

eram desenvolvidas com um fim determinado e se autojustificava, porém, à medida que seus efeitos nefastos prolongam-se no planeta e que o homem toma consciência destes efeitos, a natureza torna-se uma responsabilidade humana (JONAS, 2006, p. 39), uma vez que não eram conhecidos os efeitos cumulativos do comportamento adotado até então (JONAS, 2006, p. 40). Tal acumulação poderia destruir a condição fundamental da sequência da vida, pressuposto de si mesma. Tudo isso deveria estar inserido no ato singular, tornando-o moralmente responsável (JONAS, 2006, p. 40).

De fato, atingimos um patamar de desenvolvimento tecnológico por meio de uma desenfreada produção científica e do aperfeiçoamento de técnicas. Hans Jonas preocupou-se em associar a técnica e a ética ao longo de suas obras. Ele explica como a ética, inicialmente antropocêntrica, torna-se coletiva, social, dando abertura, inclusive, à ciência da ecologia (JONAS, 1994, p. 37), tema abordado por outros filósofos como Leonardo Boff (BOFF, 1999 e 2000). O surgimento da técnica ocorreu em função do desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades humanas, necessárias desde os primórdios da civilização, a fim de assegurar a caminhada do homem na Terra. O que começou baseado em folhas, espetos, gravetos e centelhas de fogo, hoje está num patamar muito mais elevado de desenvolvimento. Se antes a preocupação era, por meio de métodos rudimentares, garantir o imprescindivelmente necessário para o presente, e, no máximo, para o amanhã, hoje preocupamo-nos em obter o conforto, a comodidade, prolixidades regadas de excessos. Boa parte do nosso tempo é gasto buscando frivolidades, ainda que inconscientemente, qual festa, qual o próximo feriado festivo no qual beberemos, comeremos, que roupa vestir, qual o transporte há de ser usado, qual carro novo haveremos de comprar... Tudo isso graças ao desenvolvimento (desenfreado) da técnica, que colocou o homem numa confortável situação de resignação bovina. Afinal, se se come e bebe confortavelmente, que problema mais poderia existir?

O progresso técnico trouxe um retrocesso da humanização (JONAS, 2006, p. 44) e a devastação da natureza de modo a impossibilitar, dentro de alguns anos, a vida humana na Terra. E é esse o ponto alto das ideias desenvolvidas por Jonas: devemos preservar o mundo para que a vida possa prosseguir, mesmo quando nós já estivermos mortos. Temos uma responsabilidade para com

aqueles que ainda não nasceram. O futuro não pode ser sacrificado em prol do presente, enquanto que o contrário é moralmente permitido (JONAS, 2006, p. 47 e 89). Podemos arriscar nossas vidas, mas não arriscar a humanidade.

É aí que entra mais um ponto de interesse para nossa reflexão. Hans Jonas irá dizer-nos que as discussões por ele trazidas são mais voltadas ao público do que ao privado, ou seja, que compete mais ao Poder Público adotar medidas preventivas, corretivas e as demais necessárias, a fim de se assegurar a vida na Terra. Seriam as ações coletivas, que teriam a característica da universalidade na medida real da sua eficácia (JONAS, 2006, p. 49). Sob o foco do autor em questão, o melhor Estado é aquele que é o melhor para o futuro. É aquele cujo legislador cria uma estrutura política que perdura no tempo em razão de seu equilíbrio interno. Ele mesmo pode não ver seus frutos, mas os que virão depois, sim. Assim, nós temos, na visão do pensador, um compromisso de responsabilidade para com o futuro; há de se cuidar para que ele aconteça ou possa vir a acontecer.

Quanto ao futuro, Jonas faz interessante observação de que se repetem os erros do passado e, por isso, a fim de preservar o futuro, devemos estudar o passado sem deixar de mencionar a sorte como fator determinante em certos períodos históricos (JONAS, 2006, p. 193). Essa é uma ideia que é retomada em diversos momentos da sua obra *O princípio responsabilidade*. Defende, em relação a isso, que nunca houve tanto conhecimento disponível – em termos históricos, segundo nosso entendimento – que pudesse levar, não simplesmente a analogia com o passado, mas “da adivinhação ao cálculo do futuro” (JONAS, 2006, p. 194); em outras palavras, estamos em tal nível de conhecimento do passado, registrado nas mais diversas formas, desde escrita até fotografada e filmada, que existem meios de antever com certa margem de segurança o que ocorrerá no futuro. Em especial, a manipulação de acontecimentos sociais por parte do Estado, pois, se nós indivíduos podemos ter vislumbres do futuro com base no passado, que dizer então do Estado, com aparato de estudos muito mais complexo e aprofundado e com amplos poderes sobre a sociedade? Essa é uma poderosa ferramenta inerente aos governos, o que só faria ampliar e intensificar sua responsabilidade com os tempos que ainda virão.

E, não bastasse ter em mãos tais ferramentas – e talvez até em virtude delas –, há ainda o poder da *teorização*, que é a teoria tida

como um fato capaz de modificar o objeto de conhecimento. Sua difusão acabaria por realizar certo fim almejado, ou levar ao seu fracasso, justamente porque demais difundida. O exemplo de fracasso apresentado por Jonas é o do marxismo que, se não fosse tão bem conhecido, o capitalismo não poderia ter se desenvolvido tão bem (JONAS, 2006, p. 197). Não se esquivou o autor de deixar claro que, mesmo ante os meios que dispomos hoje de antever possibilidades futuras, tudo ainda fica rodeado pela incerteza, pois as variáveis são muitas e nada impede que algo inédito na história, ou algo impensado, ou tido como tão remoto que se aproxime da impossibilidade fática, venha a ocorrer e a pegar todos desprevenidos.

Podemos inserir nessas cogitações sobre o futuro uma distinção relevante na obra de Jonas (JONAS, 2006): o dever que temos para com as crianças, nossas descendentes próximas, não é o mesmo que temos para com o futuro, uma vez que daquelas somos os causadores diretos de sua existência e responsáveis por elas num futuro certo e direto e repassaremos a responsabilidade sobre o futuro. As crianças constituem nosso objeto de responsabilidade. Nossa função em relação a elas é torná-las autônomas, processo que se dá não somente em função do tempo, mas também da maturidade em assimilar os valores que lhes são passados, os fatos do ambiente em que estão e a natureza histórica na qual se encontram, ou seja, o exemplo dos educadores, o meio social em que estão inseridos e o momento histórico que vivem. Esses elementos são, ao longo do processo educacional, interiorizados e contribuem para a formação do caráter. A educação nesses termos estaria completa quando o objeto de responsabilidade adquirisse a capacidade de realizar-se (JONAS, 2006, p. 189).

Como o ser humano está em constante estado de aperfeiçoamento, esse processo poderia levar anos para ser atingido. E, depois de atingido, não vemos motivos pelos quais não poderia aperfeiçoar-se. Em síntese, podemos apreender que somos responsáveis pelo futuro e pelas crianças. Estas tornar-se-ão responsáveis por ele e essa responsabilidade maior dependerá da responsabilidade nossa para com os pequenos, especialmente durante a infância. São elas que ditarão os rumos do mundo, as políticas públicas a serem assumidas em prol da manutenção da vida na Terra, da mesma maneira como fazemos hoje, nós, que fomos as crianças do passado.

Paralelos entre os ideais de Jonas e Adorno sobre a educação

Numa visão bastante clara, Jonas demonstra os caminhos trilhados até então pelo homem na busca de avanços cada vez mais frequentes e maiores da *techne*. Paralelamente, Adorno evidencia o uso compulsivo dos objetos desenvolvidos e consumidos vorazmente pelos humanos:

Por outro lado, na relação atual com a técnica, há algo excessivo, irracional, patógeno. Esse algo está relacionado com o véu tecnológico. As pessoas tendem a tomar a técnica pela coisa mesma, a considerá-la um fim em si, uma força com vida própria, esquecendo, porém, que ela é um prolongamento do braço humano (ADORNO, 1995 p. 118).

Jonas relacionou ainda à técnica sua produção tresloucada com questões de ordem moral, que colocam a vida em xeque na Terra em razão das constantes e grandes intervenções do homem na natureza, tornando-a cada vez mais vulnerável (JONAS, 2006, p. 39). O homem, ao consumir recursos naturais, ao destruir florestas inteiras, ao poluir rios e mares, tornou-se uma ameaça para a sua própria espécie. Esta devastação da vida na Terra é feita através das tecnologias, que consomem recursos e transformam os homens.

O desenvolvimento de técnicas modernas tornou a vida mais confortável, mas acarretou no fenômeno da coisificação. Nela o indivíduo vê o semelhante como coisa, porque é assim que enxerga a si mesmo, resultando em pessoas frias, incapazes de amar (ADORNO, 1995, p. 119). Esse fenômeno, oriundo da cultura de massas originada na produção e consumo desenfreado de técnicas novas, segundo Adorno, está baseado na compulsividade da produção tecnológica. Essa produção exacerbada também é alvo de críticas na obra de Hans Jonas, numa vertente mais voltada ao planeta. Ambos os autores discorrem sobre os problemas da técnica moderna e deram *a prima facie* enfoques em resultados diferentes.

Outro ponto interessante é o fato de tanto Adorno (ADORNO, 1995, p. 107-108) quanto Jonas (JONAS, 2006) apontarem a primeira infância como essencial ao desenvolvimento da criança e ao futuro da humanidade. Adorno deu especial ênfase à primeira infância por ser o momento de formação de caráter individual. A partir dessa fase, pais e

professores têm a obrigação de educar visando à emancipação, ou seja, que o indivíduo desenvolva uma postura crítica quanto a seus atos e nas situações nas quais ele esteja inserido. A educação, para Adorno, não é simplesmente o amoldamento de um ser em formação aos padrões pré-estabelecidos, muito menos no ambiente competitivo ao qual estão submetidos. Ao contrário, a educação deve ser moldada ao indivíduo dentro de suas limitações e aptidões, estimulando a solidariedade, cultivando a humanidade e sem limitar-se à mera transmissão de conhecimento (ADORNO, 2000, p. 141 e 161). A presença da humanidade na educação, segundo o autor em questão, é decisiva para superar a barbárie demonstrada ao longo da história da humanidade, em especial as atrocidades cometidas em Auschwitz. E a superação da barbárie é decisiva para a sobrevivência da humanidade (ADORNO, 2000, p. 156).

De fato, Jonas corrobora com o pensamento de Adorno. Para Jonas, é possível ao homem que através do estudo dos fatos passados se tenha um vislumbre do futuro. Não que o futuro passe a ser premeditável, uma vez que diversos fatores influem no curso da história e, também, há os elementos de sorte e acaso a serem considerados, os quais são imprevisíveis (JONAS, 2006, p. 193). Ao longo da obra *O princípio responsabilidade*, alerta-nos sobre os rumos que o mundo toma em direção à sua própria destruição caso não sejam tomadas medidas adequadas para que isso seja impedido. Há aqui uma convergência nos ideais de conservação do mundo dos dois autores: Jonas adverte para o fim do mundo pela destruição da natureza e esgotamentos dos recursos naturais, levando ao fim da humanidade; já Adorno adverte que o homem deve ser educado de modo a não ser ele próprio e diretamente o responsável pelo genocídio de sua própria espécie. De fato, um filósofo é complementar ao outro.

Pode-se usar, à guisa de exemplo, o caso das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki ao fim da Segunda Guerra Mundial, que ilustra deveras a confluência do pensamento destes dois ilustres filósofos. O homem, em sua ânsia de poder, acaba por destruir a si próprio e a natureza, tornando impossível a vida na Terra. Ao mesmo tempo em que foram dizimadas milhares de pessoas em questão de segundos, também foram destruídos todos os recursos naturais num raio de centenas de quilômetros do epicentro da explosão das duas cidades japonesas.

Já expusemos à exaustão nesta reflexão que Adorno prezava uma educação que desenvolvesse o espírito crítico e emancipatório nos cidadãos. Em relação à bomba atômica jogada sobre o Japão somos impelidos a questionar-nos: por que o piloto seguiu aquela ordem? Qual foi o sentimento predominante naquele momento? Indiferença, constrangimento, missão cumprida, remorso? Foi todo um conjunto de fatores que o autor desenvolve em sua obra *Educação após Auschwitz* que culminou com alguém dando a ordem e outro obedecendo cegamente, mesmo que isso implicasse na morte de centenas de milhares de pessoas: falta de maturidade psicológica para lidar com a liberdade, falta de senso crítico, educação baseada na competição na qual o indivíduo esforça-se ao máximo para ser aceito no grupo etc. Por outro lado, verificamos a presença de Jonas na medida em que o desenvolvimento da técnica atômica levou à destruição imediata de milhares de quilômetros contados a partir do epicentro da explosão. Foi a técnica, ainda que inicialmente não desenvolvida para este fim, ceifando milhares de vidas humanas e outros milhões de seres vivos se considerarmos todos os ecossistemas então exterminados.

Verificamos, assim, a convergência, de um lado, do elemento humano com educação deficitária descrita por Adorno e, de outro, o desenvolvimento da técnica, na concepção de ambos os autores, resultando em catástrofes de proporções praticamente imensuráveis, conforme alerta Jonas. Ambos também demonstram preocupação com o futuro da humanidade a longo prazo. Jonas (2006) chama a atenção para o desenvolvimento da técnica, que aumenta cada vez mais a longevidade dos humanos, estimula o consumo e destrói recursos. O aumento da vida média do ser humano, seu poder de aquisição e a crescente população mundial culminam com o aumento global de consumo, tornando inviável a vida na Terra. Diz Jonas, que a análise de causalidades sociais e econômicas de hoje são incomparavelmente maiores do que todo o saber anterior, o que permite que se extrapole o futuro (JONAS, 2006, p. 194). Em outras palavras: o passado tende a repetir-se e, assim, não é preciso adivinhar o futuro, basta calculá-lo. O Estado, detentor que é de amplos poderes sobre os acontecimentos sociais, teria importante responsabilidade com relação ao futuro. Dentre os poderes que detém, está o de educar o povo, e é aqui mais uma vez Jonas dá base à filosofia de Adorno. Este crê que é pela educação que há de ser construído um futuro a salvo de genocídios que

existiram, não só na Segunda Guerra Mundial, mas ao longo da história da humanidade, como os cátaros, que foram dizimados pela Igreja Católica. Como Jonas já indicou, o passado tende a se repetir (JONAS, 2006, p. 191), daí a importância de se conjugar essas duas linhas filosóficas. Deve-se pensar o futuro de modo a preservar a vida do homem na Terra, sem destruir o meio em que se vive. É necessário educar os homens agora, especialmente as crianças, para que tenham consciência de que seus atos podem ser decisivos na vida de outrem e que a violência não se restringe à agressão física. Enquanto a humanidade mantiver o atual rumo, ela está em iminente perigo de incorrer nas barbáries que há milênios assola a vida dos homens. Fato contrário à filosofia adorniana de que não é possível que se repita o passado violento e nem que o indivíduo fique passivo ao que meios de comunicação de massa lhe trazem, como se aquilo devesse ser aceito como a única realidade possível de existir, anulando sua capacidade crítica. A mera observância a costumes e ritos, sem uso da crítica, segundo Adorno (ADORNO, 1995), abre as portas para a barbárie.

Por fim, pode-se alinhar o papel que o Estado tem para salvaguardar o futuro do mundo. Para os dois filósofos, o Estado deve propiciar uma educação emancipatória, para que os indivíduos se tornem responsáveis pelo futuro (JONAS, 2006, p. 189) e é ele, o Estado, o detentor de poderes para evitar que as condições políticas, econômicas, históricas e sociais que tornaram possível a existência de Auschwitz voltem a se repetir (e aqui novamente é possível traçar um paralelo com o núcleo temático de Hans Jonas, de que hoje existem muitas informações que tornam possível prever e calcular determinados aspectos do futuro). Para Adorno, a superação do estado de barbárie em que se encontra o homem é fundamental para a sobrevivência da humanidade.

Considerações finais

Através das breves reflexões feitas ao longo deste trabalho com o uso das obras principais de Adorno e Jonas concluímos que, embora estes nobres pensadores tenham vivido em época anterior à nossa, suas teorias podem ser consideradas atuais e perfeitamente aplicáveis ao momento em que vivemos. Existem, sim, vários liames entre as obras dos autores estudados: a preocupação com a educação responsável logo na primeira infância, a íntima relação entre a responsabilidade que Jonas

diz ser necessária passar às crianças e a educação emancipatória de Adorno, já que ambos se preocupam com a vida humana, com sua dignidade e continuidade na Terra; a utilização do conhecimento histórico para a resolução de problemas mundiais; a responsabilidade que o Estado tem em educar seus governados.

Convém observar que, se Adorno e Jonas acertaram em cheio na identificação da causa do problema, também é muito provável que tenham sido corretos no que tange à sua resolução. Com efeito, compete à sociedade cobrar do Estado, caso este se mantiver silente ante a violência, para que mude sua estrutura educacional e adote políticas voltadas a uma educação verdadeiramente emancipatória e responsável.

Notas

- 1 O texto que segue é um dos cinco planos de trabalho de pesquisa realizados a partir do Projeto de Pesquisa “Hans Jonas e o princípio responsabilidade: por uma ética da civilização tecnológica e planetária”, sob orientação do Prof. Dr. Renato Kirchner, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), durante o biênio de 2011-2012.
- 2 Dentre referências importantes sobre a assim chamada Escola de Frankfurt, indicamos as seguintes: MATOS, Olgária C.F. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993; WIGGERSHAUS, Rolf. *Escola de Frankfurt: História, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

Referências

ADORNO, T.W. Educação após Auschwitz. In: **Palavras e sinais. Modelos críticos 2**. Tradução de

Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BARONI, Patrícia. **Educação e emancipação: um estudo dos usos cotidianos nas escolas brasileiras**. Disponível em: http://congresofyeenna.net16.net/files/c4_p02.pdf. Acesso em 03/01/2013.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. 2 ed. Brasília: Letraviva, 2000.

CASSARO, Fernando. **Theodor Adorno e a educação para o pensar autônomo: filósofo alemão defende uma formação humanística, capaz de criar a consciência crítica**. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/filosofia-educacao-theodor-adorno-pedagogia-humanismo-513635.shtml?func=1&pag=0&fnt=9pt>. Acesso em 03/01/2013.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. Hans Jonas: por que a técnica moderna é um objeto para a ética, em **Natureza Humana**, São Paulo, PUC-SP, vol. 1, n. 2, 1999, p. 407-420.

JONAS, Hans. **Ética, medicina e técnica**. Lisboa: Vega, 1994.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

MOREIRA, Alberto da Silva, PUCCI, Bruno e ZAMORA, José Antonio. **Adorno: educação e religião**. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

Sobre os autores:

Renato Kirchner: Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), desde 2010, professor e pesquisador do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CCHSA) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Marly Otani Cipolini: Graduada em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Aluna de Iniciação Científica durante o biênio de 2011-2012 no Projeto de Pesquisa “Hans Jonas e o princípio responsabilidade: por uma ética da civilização tecnológica e planetária”.